**Jesus de Nazaré como profeta apocalíptico**

**Jesus, João Batista e Moisés: a partir dos estudos empreendidos por você no decurso da disciplina, elabore a sua compreensão sobre a relação entre essas três figuras nas narrativas dos evangelhos e sobre a *importância da memória de Moisés* na construção da afirmação de fé dos cristãos primitivos sobre a pessoa de Jesus.**

Movimentos populares do primeiro século como o de João Batista. Há indícios de conflito entre os movimentos de Jesus e João Batista, ao lermos os evangelhos com pouco mais de atenção. Quando João Batista manda perguntar se ele é o que há de vir, por exemplo. Alguns discípulos de João passam a seguir Jesus. Dois movimentos concorrentes, mais por causa dos discípulos deles. Dois profetas concorrentes. Apolo, em Atos, só conhecia o batismo de João. Existiram paralelamente. Os primeiros discípulos de Jesus saíram do movimento de João Batista. Mas acabam se fundindo.

Categorias de João Batista: era profeta que anuncia e denuncia. Herodes tinha medo do povo, pois considerava João um profeta. Mateus reconhece João como profeta. Lucas no cap. 3, descreve o João Batista com uma datação típica dos profetas literários. Lucas foge da questão de Jesus ser batizado por João. A desvinculação do movimento de João do movimento de Jesus é mais forte em Lucas que nos demais evangelhos. Deixa o batismo dependurado no ar (ver em Lucas) A comunidade lucana vivia mais intensamente este conflito.

A expectativa do movimento de João Batista era diferente da expectativa do movimento de Jesus. Os batismos dos dois movimentos são diferentes. As situações eram diferentes. João Batista é apresentado como um profeta mas é aquele que prepara o caminho de Jesus. João Batista que anunciava o juízo foi aquele que preparou caminho para aquele que é o juízo. Percebemos que a identidade de João como um profeta não é absoluta. No Evangelho de João, o próprio João Batista nega ser profeta. Em segundo lugar, outro indicio é que discípulos do Batista romperam com este movimento e aderiram a Jesus. Quem sabe até mesmo Jesus tenha tomado parte do movimento de João Batista.

Das três categorias de profeta (anuncia e denuncia, que faz milagres e que morrer), João Batista só anuncia e denuncia. A morte de Jesus foi vista de forma muito diferente, morte especial, ela promove a irrupção do Reino de Deus. A decapitação de Batista é um acidente de percurso, Herodes o faz a contragosto. A descrição desses eventos estabelece diferenças. Mas há uma incompletude de João como profeta. Jesus vai mais longe que ele. João Batista prepara o caminho para outro profeta como Moisés. O papel de Jesus era maior.

Se João Batista não for um profeta completo, ele não será o profeta. Será um profeta. João também é um profeta apocalíptico que anuncia o juízo, a vingança de Deus.

O movimento de João se soma a outros movimentos e expectativas populares que circulavam em torno de Jesus. Exemplos: essênios, Qunram, zelotes, fariseus, outros profetas populares.

Jesus é a consumação da esperança de todos os profetas.

**A importância de Moisés no NT: 56:52:82**

Aparece 855 v no AT. Dessas, 697 estão no Pentateuco. Fora daí, 158 v. No NT, temos 122 v. Sendo 118 estão nos evangelhos. Por que Moisés no primeiro século era muito importante. Jonas tem um capítulo que trabalha a figura de Moisés nos escritos extracacônicos. Fariseus afirmam que eram detentores da Torá escrita e da Torá oral, a interpretação da primeira, passada por Moisés e seus sucessores. A disputa pelo corpo de Moisés, uma das 4 citações que não está nos evangelhos, Assunção de Moises (extracanônica). A vida de Jesus é contada tendo como modelo a vida de Moisés. Jesus vai para o Egito, matança das crianças, etc. Na estrutura geral dos evangelhos, há um elemento que nos chama a atenção. É atribuído a Moisés o Pentateuco (tradição). No primeiro século, o Pentateuco estava ligado diretamente a Moisés. Os discursos de Jesus em Mateus: cap 5-7, 10, 13, 24 e 25. Ele sobe no monte (olha aí o Sinai) e anuncia uma nova lei – lei---Moisés.

A morte de Jesus em Mateus: até o véu do santuário se rasgou coincide com Lucas. A partir da terra tremeu, as rochas se fenderam, os mortos ressuscitaram – aqui não temos em paralelo o Pentateuco. Como na assunção de Moisés, é o justo que ao morrer, provoca a irrupção do Reino de Deus. Expectativas apocalípticas. A morte de Jesus em Mateus é um evento apocalíptico. É a mesma descrição do cap. 6 do Apocalipse de João. Os ressuscitados entram na Jerusalém terrena ou na Jerusalém celeste? Na perspectiva apocalíptica, é na celeste. Trata-se de uma visão. É a mesma visão de Paulo na sua viagem celestial e de João no Apocalipse.

O Jesus que aparece em Mateus é o mesmo que aparece já forjado a partir da assunção de Moisés. Mas não é ´simplesmente o Moisés da Lei, mas o Moisés apocalíptico. É uma tradição que associa às tradições extracanônicas apocalípticas. A primeira parte da assunção de Moisés possivelmente está ligado ao Apocalipse de Adão e Eva. Por que falar de Moisés? Porque era uma figura importantíssima no primeiro século. A estrutura de Mateus dialoga com tradições de Moisés e com tradições apocalíptipas de Moisés. A figura de Jesus não só um como Moisés, mas é o justo que traz o juízo de Deus.

O Jesus do evangelho de João tem também como pano de fundo a figura de Moisés. No cap 6, a multiplicação dos pães. Depois, Jesus atravessa o mar da Galileia como Moisés atravessou o Mar Vermelho. No verso 58, Jesus é o pão da vida. Ele usa as tradições de Moisés para contar a vida de Jesus. Moisés deu o maná, na verdade Deus deu o maná aos hebreus. Jesus é o próprio maná.

Quando usamos o apocalipsismo como chave de leitura, entramos em um campo recente da pesquisa sobre vários textos, inclusive uma nova perspectiva de Paulo. É um mosaico de várias tradições que vão se juntando e formam um desenho. Tem de olhar de longe para encontrar a coerência do desenho.

Lucas 9 – a Transfiguração de Cristo. V 29. Tb em Marcos e Mateus, mas somente Lucas fala que Jesus conversava com Elias e Moisés sobre a partida dele para Jerusalém. Por isso em v 51, tem a partida de Jesus para Jerusalém. A Transfiguração e o diálogo da Transfiguração são o elemento que impulsiona Jesus a ir para Jerusalém. Mais além da Lei e dos Profetas, Moisés e Elias aparecem para dizer que Jesus está na categoria dos grandes profetas.

Mas é preciso vincular a figura de Moisés às expectativas proféticas. Jesus como Moisés, superior a João Batista. Os evangelhos não são livros de História. Eles são anúncio, pregação. Jesus é mostrado como diferente de João Batista e é especial. Em Mateus, o próprio Jesus aparece afirmando que João Batista é um profeta. Mas é mais que isso. Ele veio anunciar aquele que viria. Para Lucas, ele era um profeta, mas um profeta que morreu, que preparou o caminho, mas ao mesmo tempo sobre a dúvida sobre o batismo de Jesus. Mesmo em Lucas que tem uma visão mais reduzida em relação a João Batista, ele não nega que ele veio preparar o caminho.

===================================================

Jesus, um profeta como Moisés. Percebemos então que na literatura do Novo Testamento, de formas variadas, Jesus é apresentado como o Messias que reúne expectativas importantes desse período. Um profeta, um profeta como Moisés, aquele que era esperado. Assim, os escritos do Novo Testamento, em especial os Evangelhos, mas também outros escritos, costuram tradições e Jesus é apresentado com as características esperadas dos profetas, tanto com atributos típicos do Antigo Testamento, como também do mundo greco-romano.

Jesus aparece como um mestre peripatético que pelo ensino é reconhecido pelo povo e atemoriza as lideranças. Também é profeta taumaturgo, em que as curas e milagres realizados atestam ser profeta. É alguém que denuncia os desmandos das autoridades tanto do poder romano como também das lideranças religiosas. É um profeta que conhece as intenções do coração, as situações de vida, enxergando o que não está visível e discerne os pensamentos equivocados.

Muitos desses atributos, porém, são vistos em outras lideranças, como por exemplo, em João Batista. Jesus se distingue de todos, pois ele é “um como” Moisés. Ele é o profeta esperado em que todos deverão crer. Assim, a figura marcante nas narrativas desse tempo, traz a figura de Moisés plasmada com a figura de Jesus. A comunidade cristã primitiva anuncia, então, que Jesus é o profeta esperado que, sendo como Moisés, é reconhecidamente o Messias em que todos deverão crer. Com isso, as comunidades cristãs reconhecem em Cristo esses importantes atributos proféticos que marcavam a fé de seu tempo. Isso irá definir também o que significará seguir o Messias, o profeta Jesus. Os atributos do discernimento, do ensino, dos sinais e da denúncia estarão presentes naqueles e naquelas que assumem a fé no Cristo Profeta, aquele que é como Moisés.

**Você concorda com a afirmação de que Jesus foi um profeta apocalíptico? Por que? No caso de concordar com a afirmação, quais elementos nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos, Lucas e João) você utilizaria para dar suporte à sua resposta, ou seja, elementos que possibilitem identificar ou tipificar Jesus como um profeta apocalíptico? No caso de discordar com a afirmação, busque justificar a sua resposta pelos mesmos caminhos metodológicos.**

Jesus como um profeta apocalíptico: 58:55:54

Temos nos evangelhos a construção de um imaginário que reflete o mundo em que viviam as comunidades. Ao anunciar Jesus, era necessário destacar nas narrativas sobre Jesus as expectativas, as figuras, os elementos-chaves que reverberavam com o discurso que este povo estava acostumado a ouvir com as expectativas que eles carregavam. Jesus, então ao ser descrito, irá se reforçar nas suas histórias estas importantes figuras que pontuavam este imaginário. O imaginário do 1º século estava impregnado por elementos apocalípticos.

Durante muito tempo as pesquisas deram razão a Bultman que defendia um cristianismo escatológico baseado na transformação do mundo através de um fermento que vai levedando a massa. Mas uma outra perspectiva escatológico-apocalíptica marcada pelo final do mundo, por uma irrupção violenta, julgamento, pela mística apocalíptica da viagem celestial – tudo isso ficou em um segundo plano. Mas as pesquisas atuais mostram que aquela literatura do 1º século deve ser lida mais nessa perspectiva. O próprio Paulo nos traz a sua experiência da viagem celestial. O mundo apocalíptico está em ebulição nesse período.

Os escritos apocalíticos trazem essa releitura de figuras. Jesus aparece nesse contexto como um profeta apocalítico. Os próprios profetas já receberam leituras apocalíticas dentro da tradição oral antes deles serem escritos. Esta imagem forte do apocalipsismo é historicamente ligada às figuras proféticas. Ele bebe em várias fontes, na profecia, na sabedoria, etc.

(Tentativas de explicar quem é Jesus no primeiro século: profeta, messias, filho de Deus, o próprio Deus. Tentativas de anunciar alguém que é indescritível. Se ele é descrito com categorias divinas, ele é indescritível. Essas categorias presentes na região siro-palestinense, judaico-cristã, são usadas para apresentar Jesus.).

O profeta apocalíptico vai morrer como um justo semelhante à assunção de Moisés. Não era alguém que era justo, ele é o justo. O que é o justo na perspectiva do primeiro século? Esperava-se que alguém desse a sua própria vida e ao morrer, o pecado de quem provocou a morte dele acrescentaria o pecado na vida de pecados e faria com que os pecados batessem na abóbada celeste e a partir daí se daria o juízo de Deus, para separar e julgar os bons e os maus. Essa radicalidade é típica do mundo apocalítico. Ou seja, a morte de Jesus cumpre este papel de juízo apocalíptico. E ele precisa, na linguagem de Lucas e dos AT, morrer em Jerusalém. Ele caminha para Jerusalém para morrer em Jerusalém. Para eles, Jerusalém é central. Para o professor Garcia, no entanto, ela é um espaço de passagem. O anúncio tem de ser feito até os confins da terra para que venha o juízo. Em Mateus, quando todos os povos receberem a mensagem, então viria o Reino de Deus.

Jesus é um profeta apocalíptico que morre como o justo. Em Mateus, Ele inaugura um novo tempo, ou seja, a morte e ressurreição de Jesus traz a novidade. Em João, ele entrega o espírito. O evangelho de Marcos é todo apocalíptico (o capítulo 13 em especial), é mais apocalíptico do que Mateus. Temos nos evangelhos a construção da morte de Jesus que inaugura uma nova era. O nascimento em Mateus e Lucas já está imbuído pelo anúncio da novidade. Em Marcos, o batismo de Jesus é o anúncio informal da inauguração dessa grande novidade. *Eis meu filho amado*: apresentação ao mundo.

Para se falar de um Reino inaugurado, há de se entender Jesus como um profeta. É chegada a hora do Juízo. É esta radicalidade apocalíptica que cerca a figura de Jesus. A ligar Jesus a Moisés, à profecia e ao apocalipsisimo, nós percebemos a construção de um discurso acerca dele que o coloca dentro das expectativas de um discurso e dos movimentos populares da época dele.

Ligar o anúncio do final do tempo com o próprio Jesus, com a sua morte, provocando a irrupção de um novo tempo. E esta era uma expectativa apocalíptica que encontramos no livro Assunção de Moisés.

Logo, no Novo Testamento há algumas passagens apocalípticas do próprio Senhor Jesus; por exemplo, os que aparecem em Mateus 24, em Marcos 13, em Lucas 21

**Explique quais são as maiores *diferenças* entre o bloco de 1-6 do 7-12 a partir da *forma* e do *conteúdo*.**

Os capítulos 1-6 se referem a um material de um período pré-macabeu (anterior a 167 a.C.), provavelmente escrito durante o período persa de algum lugar da diáspora judaica. Este material é formado de narrativas didáticas de sabedoria que mostram um Daniel sábio e justo. Para Collins, as histórias dos capítulos 1-6 não são mais antigas que o período helenístico e as revelações dos capítulos 7 a 12 foram escritas no período macabaico, quando o rei sírio Antíoco Epífanes estava perseguindo os judeus.

Nos capítulos 7-12 existem detalhes históricos que revelam o conhecimento de toda a época helenística. Para James A. Montegomery, estes capítulos pertencem aos primeiros anos da revolta dos macabeus (168-165 a. C.). H. H. Rowley é o principal defensor da tese da unidade do livro de Daniel em torno de dois blocos, o primeiro em torno das narrativas da corte da Babilônia (1-6) e o segundo, das visões (7-12). O 7-12 é uma unidade em torno da profecia visionária e foi composta no período macabaico. Alguns trechos redacionais parecem ser também dessa mesma época.

O livro de Daniel é muito complexo. Basta dizer que foi escrito em três línguas diferentes: hebraico (1,1-2,4a; 8-12), aramaico (2,4b-7,28) e grego (3,24-90; 13-14). As partes em grego são acréscimos bem posteriores. O cap. 1.1-2.4a foi traduzido do aramaico para o hebraico provavelmente para se tornar uma moldura que harmonize com os capítulos 8-12, escritos em hebraico. Nele, o nome de Daniel e dos seus amigos são mudados para harmonizar com a narrativa do cap. 3 que forma uma unidade autônoma com os cap. 4-6. Já o cap. 7 foi composto em aramaico, mas não faz parte do conjunto de 1-6, antes aponta para 8-12, pois está na 1ª pessoa como os capítulos posteriores. O 7 tornou-se um capítulo que faz a ponte entre as duas partes, criando assim a ideia de uma obra única. O 7 pode ter sido composto no século 3 a.C.

Assim, é provável, com base nas evidências internas de conteúdo, pressupor que o livro de Daniel é resultado de um processo de composição que se estende do III a II séculos a.C. Os capítulos 1-6 seriam fruto de um período mais primitivo (pelo menos os capítulos 2-6, se considerarmos 1,1 a 2,4a, escrito em hebraico, como um trecho mais tardio), pois contém as chamadas “histórias da corte”, que seriam conhecidas pelo redator do livro de alguma forma (ou por composições escritas isoladas ou por tradição oral); já os capítulos 7-2 ( e talvez o trecho 1,1-2,4ª também) teriam sido acrescentados no período mais tardio, mais exatamente na época do domínio de Antíoco IV, como aponta especialmente o capítulo 11.

Podemos, então, afirmar que o autor final de Daniel conhecia as histórias que aparecem em Daniel 1-7. Ele as reedita, introduzindo modificações de modo a referi-las ao contexto em que está vivendo. Depois acrescenta os capítulos 8 a 12, onde detalha muito bem o seu presente histórico. Mais tarde, outra pessoa acrescenta os textos em grego, completando a obra com tradições bem antigas, também em estilo lendário.

**A partir do que foi apresentado na disciplina, por que devemos considerar as visões de Daniel como visões apocalípticas e não como profecias? Como você vê essa proposta?**

O livro de Daniel já não representa a verdadeira corrente profética. Já não contém mais a pregação de um profeta enviado por Deus em missão junto de seus contemporâneos. Ele não é chamado de *nabi* nem *roeh* em nenhuma parte. No cânon judaico, nem faz parte dos Profetas. Foi composto e imediatamente escrito por um autor que se oculta por detrás de um pseudônimo, como ocorre com outros escritos da literatura apocalíptica.

As histórias edificantes da primeira parte se parecem com a categoria dos escritos de sabedoria. As visões da segunda parte comunicam a revelação de um segredo divino, explicado pelos anjos, para os tempos futuros, em um estilo propositadamente enigmático, típico dos apocalipses. O livro selado em 12,4 dá início plenamente ao gênero apocalíptico que já fora antes anunciado por Ezequiel e que se difundirá na literatura judaica. Raízes desse gênero já podem ser encontrados em Joel, Zacarias e Isaías. Podemos afirmar que seu equivalente no Novo Testamento é o Apocalipse de João.

O livro de Daniel foi o último a entrar para as Escrituras hebraicas, quando estas já estavam cristalizadas, colocado entre os Hagiógrafos (Diz-se dos livros do Antigo Testamento, exceto os dos Profetas e o Pentateuco, considerados também inspirados por Deus). O fato de ter sido colocado nessa parte indica sem dúvida sua composição tardia. O fato é que, como um todo, o livro se encaixa no período em que a literatura apocalíptica judaica definitivamente se estabeleceu como gênero. Ele é pródigo em sonhos, visões, imagens, alegorias e números simbólicos.

O redator coloca os fatos que narra no período persa e no período helenístico em forma de um futuro em relação a um passado distante. Trata-se do que chamamos de profecia *ex-eventum ou* ***Vaticinium ex eventu*** , uma característica do gênero apocalíptico em geral: a narração é colocada numa visão dada ao personagem Daniel “no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia” (Dn 10,1). Ele usa da ficção para falar de modo cifrado de situações perigosas e de projetos ousados que poderiam facilmente acarretar ameaças para ele próprio e para seus leitores.

Pela época que o livro de Daniel deixa transparecer com seu conteúdo e gênero, ele já não representa mais a corrente profética primitiva, mas o desenvolvimento do apocalipsismo. Em Daniel, o desenvolvimento do tipo histórico de apocalipses está associado com a crise do período Macabeu e envolve uma reapropriação extensa da tradição profética, de onde ele herda a análise da história. O redator de Daniel dá uma ênfase muito maior à literatura de sabedoria e de rituais sacerdotais. Da sabedoria, o gênero apocalíptico herda o espírito de interpretação, aprofundando a análise política. Para Otto Ploger, Daniel representa o processo final de mudança da escatologia profética para a apocalíptica, representando a sua atualização. Essa atualização permitiu inclusive que escritos como o de Daniel fossem considerados inspirados, nos moldes da Torá.

Contraditoriamente, os capítulos 13 e 14, escritos na língua grega são mais proféticos do que o Daniel canônico. Aqui, ele é chamado por Deus para profetizar sobre a vida das pessoas. Trata-se de um texto ainda mais recente e considerado por muitos como apócrifo, mesmo apresentando um caráter profético em estilo clássico.

Tal qual Ezequiel, o livro de Daniel também faz parte da literatura apocalíptica, pois utiliza-se de visões misteriosas para transmitir a mensagem divina de que os reinos deste mundo não estão fora do domínio de Javé. Além disso, Daniel não pode ser enquadrado como um profeta clássico, no sentido estrito do termo, pois ele não condena o comportamento pecaminoso, nem recomenda a guarda da Lei da Aliança. Os eruditos hebreus entenderam dessa forma, e na Bíblia hebraica não o colocam entre os demais profetas, mas junto com os livros de Esdras-Neemias, Crônicas e os livros poéticos na seção chamada de “Escritos”.

===========================================

Aqueles que apoiam esta data adiantada baseiam-se no fato de Daniel ser uma literatura apocalíptica. Este tipo de literatura, entre outras características, eram:

* **pseudonímia**– atribuir à uma obra o nome de um personagem famoso do passado para transmitir credibilidade.
* ***Vaticinium ex eventu*** – produzir uma obra literária remetendo ao passado como se o autor vivesse antes deles.

Estas características compõem a literatura apocalíptica extrabíblica do século II a.C. ao século II d.C. O livro de Daniel traz acontecimentos precisos do ano 168 a.C. e, por isso, alguns estudiosos afirmam se tratar de um autor contemporâneo que escreveu estes registros pouco tempo depois.

Outra característica apocalíptica presente em Daniel são os fatos extraordinários tais como o *livramento da fornalha dos amigos de Daniel* (cap. 3) e a *mão que escreveu na parede no banquete de Belsazar* (cap. 6). A literatura extrabíblica deste período era rica neste tipo de narrativas.

Apesar de Daniel compartilhar algumas das características da literatura apocalíptica extrabíblica, o livro de Daniel diferencia-se em certos aspectos e não é simples determinar todos os aspectos da literatura apocalíptica. Um problema em considerar Daniel uma produção do século II a.C. está no estabelecimento da data, pois o período entre 168 – 164 a.C. é um período muito curto de tempo para produzir, copiar e distribuir um livro, sem mencionar o processo de canonização pela comunidade judaica.

**A tese do Prof. Carneiro é que o livro de Daniel faz uma releitura da profecia e da sabedoria para mostrar uma nova mentalidade que começou a surgir durante o período persa e se confirma no período grego. Por isso mesmo, ele se tornou fonte tão importante para tradições futuras dos judeus e dos cristãos.**